

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Pedro Henrique Reis Machado

**A MENTALIDADE DE GRAMOFONE: O FECHAMENTO DO UNIVERSO DO
DISCURSO NA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Luiz Antonio da Silva Peixoto.

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **PEDRO HENRIQUE REIS MACHADO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973162, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A MENTALIDADE DE GRAMOFONE: O FECHAMENTO DO UNIVERSO DO DISCURSO NA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL**, desenvolvido durante o período de ABRIL DE 2022 a AGOSTO DE 2022 sob a orientação de LUIZ ANTONIO DA SILVA PEIXOTO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Pedro Henrique Reis Machado

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A MENTALIDADE DE GRAMOFONE: O FECHAMENTO DO UNIVERSO DO DISCURSO NA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL

Pedro Henrique Reis Machado¹

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da ideologia, em seu sentido marxista, buscando desvendar sua principal manifestação em nossa época: o *neoliberalismo*. Baseado no trabalho de Christian Laval e Pierre Dardot, abordaremos seu funcionamento, caráter e como logra transformar o indivíduo em sujeito-empresa, criando uma nova razão do mundo. Em seguida, com base em Herbert Marcuse, será abordado o tema da nova forma de dominação na sociedade industrial, que instrumentaliza a tecnologia e cria um universo sem oposição, de linguagem unidimensional que reproduz o pensamento da realidade totalitária, de formato inovador, que oprime através do véu tecnológico sem necessidade do uso da força física. Por fim, unindo as duas grandes reflexões, tentaremos mostrar como a grande mídia na sociedade de classes - no Brasil - legitima e reproduz o modelo neoliberal através de propagandas e apologias ao *empreendedorismo*, utilizando-se de uma linguagem unidimensional, criando um universo de completa dominação e ausência de pensamento crítico.

Palavras chave: ideologia. Neoliberalismo. Dominação. Tecnologia. Marcuse.

INTRODUÇÃO: O SENTIDO DE IDEOLOGIA

Dada a complexidade, multiplicidade de significados e disputas políticas quanto ao conceito de ideologia, cabe, inicialmente, esclarecer de que modo ele será trabalhado no presente trabalho. Utilizaremos aqui seu sentido marxiano, presente na obra *Ideologia Alemã*, mesmo tendo definição polêmica e inacabada segundo alguns estudiosos. Ou seja, trataremos da ideologia em seu sentido pejorativo de falseamento, que inverte ou embarça a relação entre os homens, como se estivessem numa câmara escura, expressando idealmente as relações materiais de exploração e opressão que atravessam a sociedade capitalista, marcada pela contradição intermitente entre capital e trabalho, pela luta de classes (MARX; ENGELS. 1998. p. 19).

Independente do debate gerado pela definição de Marx e Engels, a interpretação materialista é indispensável neste trabalho. A ideologia será considerada a consciência dominante, representativa de uma sociedade subdesenvolvida, a brasileira, marcada pela dominação da classe burguesa e seu controle sobre os meios de comunicação de massa. Não pode ser vista como mero reflexo da economia brasileira, mas como parte de sua engrenagem, tão importante para o funcionamento da totalidade quanto os aparelhos abertamente repressivos. Tais ideias, dessa forma, não se dão de maneira desprendida da realidade econômica, mas são produto de um conjunto de valores que busca a todo momento legitimar o *status quo* e as relações de produção existentes e sua reprodução (ALTHUSSER, 1985. p. 58). Distorcendo a realidade e a relação entre os homens, acaba também por apresentar soluções de cunho individualista que nunca tocam as raízes dos problemas, perpetuando um modelo de sociedade centrada no mercado, na competição entre indivíduos, na perda da subjetividade e no fechamento do discurso, matando qualquer possibilidade de visão crítica oposicionista.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pheriqmachado@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luiz Antonio da Silva Peixoto.

Mesmo considerando todas as polêmicas² acerca dos fenômenos ideológicos e suas funções, toda interpretação crítica concorda quanto ao ponto fundamental de que a ideologia é sempre uma tentativa de legitimar o poder de algum grupo ou classe dominante, promovendo crenças e valores compatíveis com ele (EAGLETON, 1997, p. 19). Assim exposto o sentido com que a *ideologia* será trabalhada, tem-se agora o dever de identificar qual sua roupagem na atualidade tecnológica do século XXI.

1. A IDEOLOGIA NA ATUALIDADE

Na busca da criação de um mundo que seja compatível com as novas bases econômicas, globalizadas e cada vez mais inevitáveis, no sentido que arrasta todas as nações a um só compasso, a modernidade apresenta-se dominada pelo *neoliberalismo*, o que torna este, por sua vez, a ideologia de nossa época. Em um trabalho de fôlego, Pierre Dardot e Christian Laval (DARDOT; LAVAL, 2016) mostram como este modelo tornou-se nova racionalidade do capitalismo, que organiza a conduta de todos, produzindo a concorrência como norma e reduzindo a subjetividade a uma mera atividade empresarial administrativa (*Ibidem*, p. 15). Trata-se de pensar a especificidade do capitalismo no século XXI, suas bases econômicas concretas e a mentalidade por ela criada.

Organizando-se com uma força colossal, o neoliberalismo mostra-se capaz de se reinventar a todo momento, sem perder nenhuma das características principais. Atravessa crises, penetra em todas as esferas da sociedade, defende-se de possíveis ameaças através de uma força tarefa organizada e poderosa, formada por “Oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais [...]” (*Ibidem*, p. 8-9). Uma coalizão dominante que desequilibra a luta de classes a nível mundial, assegurando a supremacia dos grupos poderosos. Mas como todo sistema formado por distintas e antagônicas classes sociais, o neoliberalismo não se reproduz somente pela força física emanada da sólida coalizão que o sustenta. Ele precisa de uma ideologia que legitime e mantenha o funcionamento da máquina, impondo normas e valores na marcha para a *modernização*:

“O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos [...] Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa.” (*Ibidem*, p. 14-15).

O homem, agora, é visto e vê a si mesmo como uma micro empresa a ser administrada, na lógica da produtividade, da concorrência e do mérito, sendo o único e exclusivo responsável por seu sucesso ou fracasso. É este avanço do neoliberalismo sobre o sujeito que nos interessa neste trabalho; e para se entender como a subjetividade fora transformada em esfera empresarial a ser gerida, é necessário recapitular a crise e abandono do Estado de bem-estar social, sua substituição e combate por parte do neoliberalismo como condição para a inauguração desta nova razão do mundo.

² A discussão acerca de um significado mais preciso sobre a ideologia está presente em *Ideologia: uma introdução* (EAGLETON, 1997). Nas páginas 20 e 21 é apresentada a relação do objeto em questão com o poder, e nas páginas 25 até 28 o autor demonstra a complexidade do debate em torno da visão da ideologia como falsa consciência, mostrando os possíveis limites e refutações desta interpretação.

Nos anos 80, com a onda da novidade neoliberal que alcança a chefia de importantes governos, o Estado, que até então detinha funções de garantia do território nacional, produção e distribuição de riqueza, regulamentação das relações trabalhistas, cumprimento de tarefas sociais - como escolaridade, segurança e etc -, passa a ser visto como um agente obstaculizador da modernização, apresentando-se como um freio ao crescimento econômico e fonte de ineficácia (*Ibidem*, p. 283). Tal descontentamento com o papel do Estado deságua em sua total reformulação. Gradativamente, a instituição acaba se tornando por completo em uma empresa, com idêntico funcionamento ao da esfera privada, seguindo as regras dos mercados e negócios. Esta mudança no papel do Estado diz muito sobre as características do neoliberalismo sobre as instituições públicas:

“Muito frequentemente esquecemos que o neoliberalismo não procura tanto a ‘retirada’ do Estado e a ampliação dos domínios da acumulação do capital quanto a transformação da ação pública, tornando o Estado uma esfera que também é regida por regras de concorrência e submetida a exigências de eficácia semelhantes àquelas a que se sujeitam as empresas privadas.” (*Ibidem*, p. 268).

Deste modo, o Estado é retirado de algumas funções vitais ao funcionamento da sociedade. Torna-se mero agente capitalista, competindo com outros países, independente das demandas dos cidadãos de seu território, sendo administrado como uma empresa a serviço das empresas (*Ibidem*, p. 281). O centro do mundo agora é o setor privado, e todas as decisões devem ser tomadas em prol de seu bom funcionamento, vetor de todos os progressos, da condição da prosperidade e, acima de tudo, provedora de empregos. Ideologicamente, essa nova concepção implica em atribuir uma importância central ao empreendedor, ao empresário, individualizando a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dos cidadãos. Sem uma instituição que regule a vida dos homens de maneira legítima, os indivíduos isolados tornam-se os únicos capazes de desempenhar algum papel visando uma vida melhor, e para isso devem se tornar mestres na arte de governar a si mesmos, como uma empresa, em competição constante com seus iguais na busca de uma melhor posição no mercado, tornando o indivíduo administrador um herói dos novos tempos (*Ibidem*, p. 183).

Na era da ideologia neoliberal, o sujeito está assim transformado em empresa, em mera mercadoria no mundo das mercadorias, com a esperança de que, caso se esforce o suficiente, conquistará lucros e crescerá junto com a empresa em que trabalha, em aberta competição com os demais:

“Do sujeito ao Estado, passando pela empresa, um mesmo discurso permite articular uma definição do homem pela maneira como ele quer ser ‘bem-sucedido’, assim como pelo modo como deve ser ‘guiado’, ‘estimulado’, ‘formado’, ‘empoderado’ (empowered) para cumprir seus ‘objetivos’. Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos. ‘Empresa’ é também o nome que se deve dar ao governo de si na era neoliberal.” (*Ibidem*, p. 323).

As responsabilidades e as condições necessárias à reprodução da vida, dessa forma, individualizadas em seu grau máximo, se dissolvem, fragmentando-se nos sujeitos neoliberais que não mais contam com um aparato provedor clássico de certas funções. Seguindo a lógica desta nova razão, até mesmo a coerção e a obediência imposta pelo Estado, ainda que minimamente, se desfaz, e o sujeito-empresa torna-se o vigia de si mesmo. Já não é mais necessário um aparato coercitivo externo. O policial que exige desempenho, produtividade e eficácia, agora reside nas cabeças dos

homens, como interiorização do mercado, sendo o regulador e empreendedor de si mesmo (*Ibidem*, p. 342-343). Aí reside o poder dessa racionalidade.

As relações de trabalho, por sua vez, isentam qualquer responsabilidade por parte do capital, sendo este cenário o auge das condições da reprodução da acumulação capitalista. A novidade destas relações consiste em tornar os sujeitos aptos a aceitarem cada vez mais as condições precárias, sendo essas vítimas exploradas e alienadas, ao mesmo tempo, causas e efeitos dessa lógica, adaptando-se a condições cada vez mais opressoras (*Ibidem*, p. 324). O trabalhador é quem torna-se inteiramente responsável pelo sucesso econômico, tanto o da empresa como o de si mesmo, e todos os problemas humanos tornam-se mera questão de administração individual, até mesmo as crises econômicas. Dardot e Laval são precisos em um parágrafo:

“A partir do momento que o sujeito é plenamente consciente e mestre de suas escolhas, ele é também plenamente responsável por aquilo que lhe acontece: a ‘irresponsabilidade’ de um mundo que se tornou ingovernável em virtude de seu próprio caráter global tem como correlato a infinita responsabilidade do indivíduo por seu próprio destino, por sua capacidade de ser bem-sucedido e feliz. Não se atravar com as coisas do passado, cultivar previsões positivas, ter relações eficazes com o outro: a gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a insatisfação que se sente por desempenhos passados. Os problemas econômicos são vistos como problemas organizacionais, e estes se resumem, por sua vez, a problemas psíquicos relacionados a um domínio insuficiente de si e da relação com os outros. A fonte da eficácia está no indivíduo: ela não pode mais vir de uma autoridade externa. É necessário fazer um trabalho intrapsíquico para procurar a motivação profunda. O chefe não pode mais impor: ele deve vigiar, fortalecer, apoiar a motivação. Dessa forma, a coerção econômica e financeira transforma-se em auto coerção e autculpabilização, já que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece.” (*Ibidem*, p. 337-338).

2. IDEOLOGIA, TECNOLOGIA E DOMINAÇÃO

Uma vez analisada a *ideologia* desta época, o neoliberalismo, é preciso agora refletir sobre como ela é posta em prática, seu contexto e o porquê de tal dominação. Para isso, o estudo de Marcuse em *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional* será fundamental.

Em sua teoria, Marcuse argumenta que na sociedade industrial de capitalismo moderno a dominação não se dá mais por vias de seus dois agentes principais, a repressão e a ideologia, mas pela própria lógica produtiva deste modelo econômico-social e sua tecnologia, a ponta de lança da dominação. Segundo ele, “A sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza [...]” (MARCUSE, 1967, p 36). Tal modelo de dominação, mais sofisticado, no entanto, não implica na conclusão de que a ideologia tenha sido abandonada pelo autor, mas sim que ela (enquanto expressão cultural e ideal das relações materiais dominantes) foi absorvida pela própria realidade:

“Essa absorção da ideologia pela realidade não significa, contudo, o ‘fim da ideologia’. Pelo contrário, em sentido específico, a cultura industrial avançada é *mais* ideológica do que sua predecessora, visto que, atualmente, a ideologia está no próprio processo de produção. Esta proposição revela, de forma provocadora, os aspectos políticos da racionalidade tecnológica prevalecente. O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz ‘vendem’ ou impõem o sistema social como um todo.” (*Ibidem*, p. 31-32).

Para Rouanet, esta nova concepção de Marcuse acerca da ideologia representa certa superação com sua definição marxista tradicional, sendo ao mesmo tempo ruptura - pois transgride a superestrutura e o mundo das ideias e se realiza na própria realidade, na estrutura - e continuidade - uma vez que a tecnologia, instrumentalizada pela lógica capitalista, interpõe-se entre o homem e sua realidade, impedindo seu acesso às estruturas sociais visíveis (ROUANET, 1986, p. 215).

Pensar a questão da dominação e da tecnologia e sua instrumentalização por parte da racionalidade capitalista, como nos apresenta Marcuse, significa pensar a historicidade da técnica existente na atualidade. Assim, deve-se considerá-la, neste sentido, não como algo além do homem, fruto de um golpe sublime de inteligência através do qual adquire controle sobre a natureza. A tecnologia industrial, advinda das revoluções industriais e das transformações burguesas ocorridas a partir do século XVIII carrega em seu nascimento seu caráter inexorável: instrumento de uma nova ordem que almejava o completo domínio social, tendo em sua vanguarda os objetivos mercadológicos do processo em expansão, de uma classe burguesa revolucionária e transformadora do mundo. Pensar criticamente o domínio tecnológico daí provindo e desdobrado significa ter sempre em mente sua instrumentalização por parte de um setor da sociedade de classes, seu setor dominante. Tal reflexão já ocupou a escola de Frankfurt e seus intelectuais, entre eles o próprio Marcuse, que será aqui resgatado para uma rápida análise, com intuito de esclarecer o grau da dominação ideológica proveniente desta ordem social tecnológica que lhe demanda, e como tal complexo serve como agente na reprodução do capitalismo na era neoliberal.

Utilizando-se desde sempre da Razão como arma em sua cruzada contra os velhos catões do Antigo Regime, a burguesia promove uma nova realidade tecnológica, utilizada na produção de sua riqueza, criando uma massa de valor através de uma colossal produtividade e eficiência, jamais experimentada na história dos homens. Não só para a produção material do capitalismo e da burguesia a técnica é pensada e colocada em prática, mas também para a dominação e controle de toda a sociedade de classes. Com tal poderio tecnológico inédito, o alcance da dominação sobre o indivíduo também atinge um estágio nunca antes imaginado (MARCUSE, *op. cit.*, p. 14). Daí o perigo de se pensar a tecnologia como produto *neutro*, isolada do que lhe é dado e do que lhe sustenta, pois, em sua instrumentalização, acaba por servir a novas formas, mais agradáveis e eficazes de coesão e controle social. Resumindo: “A racionalidade tecnológica ter-se-á tornado racionalidade política.” (*Ibidem*, p. 18-19). A totalidade social, transforma-se e opera segundo uma lógica de pura administração racional, tal qual uma empresa, assegurando a normalidade da ordem:

“[...] a tecnologia é estruturada e constituída pelos interesses políticos e econômicos que ela ajuda a promover; portanto, em uma sociedade capitalista os interesses políticos e econômicos de dominação determinam o projeto tecnológico dessa sociedade. Uma vez moldada por esses interesses, a tecnologia torna-se relativamente autônoma e adquire uma força e uma dinâmica próprias. Dessa forma, a sociedade contemporânea deve ser vista não como produto de um determinismo tecnológico abstrato e a-histórico que submete todas as outras esferas da vida social, mas como uma síntese de capitalismo e tecnologia que constitui uma nova e específica forma de controle social e totalitarismo.” (PEIXOTO, 2011, p. 4-5).

Tal perversidade totalitária da razão não significa, no entanto, que o combate ao capitalismo industrial tecnológico e seu modelo tenha que se dar segundo uma irracionalidade, falsamente opositora da razão instrumentalizada. Trata-se aqui de uma disputa em torno da razão, posta, em sua teoria, à serviço da razão prática. Assim, a dominação da natureza pelo homem voltou-se contra ele, e a técnica aprendida conscientemente agora se manifesta como o grilhão de sua libertação (MARCUSE, *op. cit.*, p. 154-155). A luta política pela razão acaba adquirindo caráter de denúncia do *status quo*, em que a crítica social deve apontar seu caráter instrumentalizado e

demonstrar aos indivíduos dominados como a realidade deste ordenamento racional, permeado por contradições inerentes à lógica do capital, subverte a ideia de Razão, devendo os homens, em sua luta pela liberdade e emancipação, tirá-la das mãos dos administradores da ordem técnico-econômica. Isso significa dedicar esforços contra seu invólucro atual, ideologia neoliberal, como já mencionado, que se disfarça a todo momento sob truques e armadilhas linguísticas e cognitivas.

2.1. UNIDIMENSIONALIZAÇÃO DA REALIDADE E DO DISCURSO

Na sociedade industrial, a dominação completa se realiza a ponto de criar um universo totalitário, na qual o princípio da realidade, em termos freudianos, - aquele se contrapõe ao princípio do prazer, racionalizando-o e controlando-o - é estendido a todo o meio social, impondo uma coerção efetiva (CAMPOS, 2004, p 34-35). Ao mesmo tempo em que é totalitária, as estruturas de dominação social tornam-se invisíveis: “[...] o poder se eclipsa, e converte-se em racionalidade administrativa.” (ROUANET, *op. cit.*, p. 201). Está assim criada uma realidade unidimensional, padronizada, planejada, passiva e sob total vigia da ordem estabelecida. Nas palavras de Marcuse:

“Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo.” (MARCUSE, *op. cit.*, p. 32).

Em um mundo dominado pela razão tecnológica instrumentalizada, qualquer pensamento transgressor adquire a alcunha de irracional. Os controles sociais, hegemônicos, acabam sendo introjetados no indivíduo, de modo que a ação e pensamento de protesto sofre uma auto-censura. A ideologia externa agora exerce sua função de maneira interna, onde o pai, representado pela sociedade totalitária de comportamento único, se transfere para dentro da consciência individual. Neste momento, o homem, em sua privacidade, não possui mais em sua mente o reino da liberdade onde exerce o livre pensar, podendo ser ele próprio. Pelo contrário, o que domina agora é o comportamento de *mimese*, no qual o indivíduo se identifica com a ordem externa que lhe dita as regras e a reproduz, agindo assim de forma programada e mecânica, preenchido pela realidade tecnológica (*Ibidem*, p. 30-31). É este o auge da dominação, onde a razão crítica e o pensamento negativo encontram-se esvaziados, sendo a realidade uma etapa da própria alienação, uma vez que a consciência está a ela submetida, criando um universo de total harmonia, como diz Rouanet: “O efeito final da unidimensionalização da realidade e do pensamento é a produção do consenso integral. O indivíduo satisfaz necessidades heterônomas, achando que está satisfazendo suas próprias necessidades.” (ROUANET, *op. cit.*, p. 208).

A particularidade desta nova forma de dominação, como anunciou Marcuse, é a assimilação da insatisfação e revolta. É o que ele denominou de “conquista da consciência infeliz”; processo pelo qual todo o valor crítico latente nas ideias e cultura dos homens, como a justiça e o protesto, foram extirpados e integrados de forma não problemática, não contraditória, à consciência feliz da ordem unidimensional, que satisfaz os indivíduos com os produtos materiais e culturais que produz. É o fetichismo da mercadoria estendido à ordem da cultura (*Ibidem*, p. 204). Daí provém uma sincronização do mundo da consciência com o mundo da realidade e do trabalho, organizados pela lógica capitalista industrial, onde a cultura é completamente absorvida pela civilização (*Ibidem*, p. 202).

Superando a opressão clássica, a introjeção da dominação que cria um universo unidimensional de pensamento e ação se caracteriza pelo controle da necessidade, pela abundância de mercadorias e produtos - reificados - que a sociedade oferece ao contentamento do sujeito. As necessidades são pré determinadas, e independente da real demanda do homem quanto a elas, sua satisfação cumpre um papel de reproduzir

o *status quo* de forma repressiva, porém velada (MARCUSE, *op. cit.*, p 26). Difícil imaginar uma realidade totalitária mais eficaz. No papel da repressão, o controle dos instintos também cumprem função essencial, não através de seu bloqueio, mas de sua administração repressiva.

“Assim como essa sociedade tende a reduzir e até a absorver a oposição (a diferença qualitativa!) no âmbito da política e da cultura superior, também tende a fazê-lo na esfera instintiva. O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a *Consciência Feliz*.” (*Ibidem*, p. 88).

Para não sofrer oposição ou gerar sentimento perigoso de descontentamento e insatisfação, a sociedade oferece aos indivíduos certa liberalização do prazer de forma já planejada e controlada, conquistando antecipadamente suas possíveis infelicidades. É o que Marcuse chamou de *dessublimação repressiva*, explicada didaticamente por Rouanet: “O princípio do prazer não é simplesmente negado, mas mobilizado pelo princípio da realidade, que o coopta, e ao cooptá-lo silencia seu conteúdo negador.” (ROUANET, *op. cit.*, 0 133).

Está estabilizada, assim, a sociedade unidimensional, sem crítica, de pensamento único, onde até mesmo sua oposição fora já assimilada ao *status quo*. A linguagem, no meio de todo este processo já descrito, cumpre também uma função primordial. E agora que as dimensões da dominação e sua racionalidade já foram desvendadas, devemos ver como isso se manifesta em forma de discurso, também em formato totalitário, onde conceitos são manejados de forma que o receptor jamais pense fora do padrão estabelecido e desejado. Na linguagem unidimensionalizada vigoram construções que se posicionam contra um desenvolvimento real da locução, apresentando fórmulas e explicações fechadas, de forma abreviada e simples, que impedem qualquer desenvolvimento cognitivo por parte do receptor. O conceito é de entendimento rápido, superficial, e de significado fixo. Com ele já se manifesta de forma vinculada outros conceitos e palavras, fechando por completo o universo da locução (CAMPOS, *op. cit.*, p. 73).

Este caráter ideológico e totalitário da linguagem está presente em todas as estruturas que dela se utilizam, principalmente na mídia, que é o que nos interessa neste trabalho. É ela quem detém o acesso à informação e sua distribuição, e, funcionando por esta lógica, logra manipular conceitos e palavras de forma a criar uma realidade ideológica em prol da administração neoliberal capitalista, seja referindo à sociedade como um todo, seja ao próprio indivíduo. Seus agente de publicidade, segundo Marcuse:

“[...] moldam o universo da comunicação no qual o comportamento unidimensional se expressa. Sua linguagem testemunha a identificação e a unificação, a produção sistemática de pensamento e ação positivos, o ataque concertado à noções transcendentais e críticas. [...] A locução é privada das mediações que são as etapas do processo de cognição e avaliação cognitiva.” (MARCUSE, *op. cit.*, p. 93).

É este operacionalismo que caracteriza a linguagem unidimensional. Seu truque consiste em funcionalizar as palavras, dando-lhes um conjunto de significados que expressam uma conotação política. Os nomes das coisas agora dizem respeito exclusivamente à sua maneira de funcionar. Mas não de qualquer maneira, mas a forma *correta* de funcionalização, de sentido fechado, ditada de tal modo que não pode haver outro significado. A linguagem é assim transformada em fórmula (*Ibidem*, p. 95). Seu formato está dado, e a maneira como se apresenta constantemente, pela repetição massiva e substituição de palavras por imagens - que torna mais simplista e fácil o entendimento sobre o produto ou ideia a ser vendida - lhe atribuem caráter

hipnótico, onde as proposições adquirem a roupagem de comandos sugestivos diretos, sem formalismos complexos que poderiam atrapalhar a compreensão imediata (*Ibidem*, p. 98). Reduzida a clichês e chavões superficiais embutidos em fórmulas fixas, o fim último desta linguagem unidimensional é reproduzir o existente na cabeça dos indivíduos (CAMPOS, *op. cit.*, p. 77). Ou seja, ideologia.

Utilizando-se agora das características da nova razão do mundo, a *ideologia neoliberal* - e sua transformação do indivíduo em sujeito-empresa -, e pensando a particularidade da dominação na sociedade capitalista industrial desvendada por Marcuse - promotora da unidimensionalização do pensamento e da linguagem -, tentaremos mostrar com exemplos como a mídia atual utiliza-se dos processos de dominação do segundo. Seu objetivo é reforçar, de maneira totalitária, e imprimir no sujeito receptor a ideia de fazer e gerenciar a si mesmo como uma empresa, visando legitimar a ordem dominante e matando antes mesmo do nascimento qualquer desenvolvimento cognitivo crítico de oposição, através da unidimensionalização da linguagem.

3. A MÍDIA E A REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL

Somente a ingenuidade não basta para crer na *imparcialidade* da mídia e do jornalismo. É preciso também uma dose de cumplicidade. No Brasil, os monopólios midiáticos que detêm o controle e a disseminação das informações são abertamente ligados a poderosos e antigos grupos da classe dominante, sendo a maior parte deles membros da própria burguesia do ramo comunicacional, sem dúvida um dos mais importantes na história do país. Suas empresas e grupos jornalísticos, como era de se esperar, não trabalham com plena honestidade, buscando o dever cívico de manter a população bem informada, apresentando os problemas reais das grandes massas ou denunciando as desigualdades. Mas, empenham todo seu poder financeiro e ideológico naquilo que Chomsky chamou de *a produção do consenso* (CHOMSKY, 2013). Esse viés, indiscutivelmente ideológico, não tem nada de revolucionário ou contestador da ordem, mas cumpre justamente a função de reproduzir e legitimar a estrutura de classes estabelecida e a ideologia de nossa época, o neoliberalismo. Vejamos agora exemplos concretos.

Em Janeiro de 2020, foi ao ar no programa *Fantástico*, exibido em horário nobre - domingo à noite - uma reportagem cujo tema era o auxílio inovador da tecnologia aos trabalhadores desempregados do mercado informal.³ A reportagem gerou polêmica nas redes sociais, sob acusação de romantização do desemprego. Essa postura não é novidade por parte da grande mídia. Trabalhos como este vão ao ar todos os dias, e ainda mais grave que a romantização das condições precárias de trabalho e das dificuldades sociais causadas pelo desemprego, é a linguagem usada por seus agentes, que mistifica todo um processo real ao atribuírem significado positivo e único a palavras que, em verdade, manifestam perversidades econômicas do modelo neoliberal, fechando o universo da locução em prol de sua ideologia. Para entender na prática, cabe resgatar as partes mais simbólicas da reportagem. Apresentando o vídeo que será reproduzido, o jornalista diz: "No Brasil, país com quase 12 milhões de desempregados, muito trabalhador está se reinventando com talento e um telefone na mão" (14 seg.), seguida pela fala de uma desempregada: "empreender a gente já empreende desde que nasce" (27 seg.), enquanto de fundo ouve-se uma música em tom alegre, em estilo de samba. De fato, o motivo da polêmica causada era real. Trabalhadores em situações precárias de sobrevivência transformam-se em agentes da perseverança e esperteza na grande mídia, normalizando a condição de pobreza extrema. A todo momento o vídeo faz questão de reafirmar a necessidade de uma "boa

³ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/01/12/aplicativos-e-redes-sociais-ajudam-brasileiros-desempregados-a-se-reinventarem-no-mercado.ghtml>>.

gestão” pessoal, de si mesmo, enquanto empreendedor. A transformação do indivíduo em sujeito-empresa fica escancarada, como apontado por Dardot e Laval, anteriormente mencionados neste trabalho.

Nesta mesma reportagem, vemos o domínio da tecnologia enquanto instrumento opressor do trabalhador, à serviço do capital, como bem enxergava Marcuse já nos anos 70, na medida em que possibilita uma completa flexibilização das relações de trabalho, tornando-as invisíveis, onde o patrão agora parece não ser mais uma pessoa, sendo as tarefas de produção e exigências de eficácia ordenadas por uma tela com internet. Os salários, por sua vez, sem nenhuma regulação do Estado - visto como retrógrado e obsoleto em relação ao novo mundo do trabalho do século XXI, movido pela internet -, não é assegurado por um valor mínimo, mas calculado simplesmente de acordo com a produção do trabalhador, independente de sua integridade física, responsabilizando-o por completo seja pelo fracasso ou pelo sucesso dos negócios. Na mesma reportagem que suscitou polêmicas e em outras do mesmo estilo, é comum ouvir, por parte dos próprios trabalhadores, que estão “correndo atrás de um sonho”, de ter seu próprio negócio e serem auto suficientes. Aqui vigora mais uma vez a lógica da concorrência franca entre proletários, que já não mais enxergam o horizonte da mudança social, mas vêem no sucesso individual através do mercado a possibilidade de realização de si enquanto sujeitos, atingindo assim sua plenitude de existência humana. É a lógica do mercado e da concorrência introjetada no indivíduo com todo o aparato legitimador da tecnologia que aprimora as relações capitalistas em prol da classe dominante.

Vale ressaltar que o fechamento do universo da locução na mídia e sua ideologia não é necessariamente, em sua totalidade, algo forçado, imposto de cima para baixo pelos donos malvados dos veículos de imprensa aos seus agentes passivos, os jornalistas. Em prefácio a uma edição de *A revolução dos bichos*, George Orwell apresenta com brilhantismo uma análise crítica da apologia liberal à chamada *liberdade de imprensa*, onde contextualiza a situação da Inglaterra no pós segunda guerra. Orwell descreve como tal liberdade, tão aclamada pelos liberais, apesar de existir e ter importância prática, está submetida a uma forte censura, de funcionamento diferente, complexo e mais eficaz. Isso pois o exercício da livre expressão midiática está inserido num mundo de interesses materiais, entre classes e entre os Estados capitalistas, sendo os donos dos veículos, obviamente, aqueles que detêm os poderes desta sociedade conflituosa, e os trabalhos dos jornalistas, portanto, expressão de seus padrões. Mas esta coerção, como ele observa, não se dá pelo porrete, mas pela ortodoxia de pensamento existente, pela auto censura voluntária, que os donos das editoras e imprensa não cogitam questionar, temendo a opinião pública (ORWELL, p. 122-123). O inimigo da verdadeira liberdade, no mundo burguês da sociedade industrial neoliberal, não é mais a censura violenta, mas a *mentalidade de gramofone* (*Ibidem*, p. 132-133). Os jornalistas, possivelmente inocentes num primeiro momento, estão tão profundamente inseridos neste sistema de filtragem das idéias que nem mais o percebem (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 62-63). É a reificação da consciência estendida ao jornalismo, como salientou Lukács, onde a convicção pessoal e a consciência de seus profissionais é colocada de lado, prostituída, e obedece às leis próprias do sistema, repetindo a consciência reificada em seu ofício (LUKÁCS, 2002, p. 222). O que não significa também a impossibilidade de cooptação direta, através de subornos e financiamento para a fabricação destes especialistas para que falem o que os donos das mídias desejam (HERMAN; CHOMSKY, *op. cit.*, p 82-84).

Já a linguagem unidimensional no discurso da mídia aparece em qualquer programa onde o sujeito-empresa é reforçado, sendo sua expressão mais evidente aqueles que tratam do tema do empreendedorismo. Suas manifestações mais deletérias aparecem nas propagandas da plataforma VAE (Vamos Ativar o Empreendedorismo), onde histórias de *superação* e *meritocracia* aparecem como receitas de sucesso do mercado informal de trabalho, exaltando os corajosos indivíduos que se aventuram na selva da concorrência em busca de seus sonhos e

suas liberdades. Em todas as reportagens desta plataforma não se vê nenhuma linha de pensamento oposicionista, muito menos historicista. É a morte definitiva do pensamento dialético, onde todo o universo do discurso gira em torno da necessidade benéfica de pensar a si mesmo como uma micro-empresa a ser gerida com competência. A labuta semi escravocrata dos trabalhadores informais é relativizada em função do *novo mercado de trabalho*, e sua condição de penúria nunca é tida como sequela do sistema neoliberal que degrada as relações de trabalho e as garantias mínimas da população. O desemprego, na linguagem unidimensional, transforma-se em dados do número de *trabalhadores autônomos*, sem jamais traçar uma reflexão crítica acerca de seu papel estrutural, produtor do rebaixamento dos salários e das seguranças trabalhistas. O resgate histórico também perde a vez no discurso midiático, e a condição de vida dos cidadãos parece despontar como mera consequência de suas escolhas, sendo os corajosos, *empreendedores*, os exemplos de sucesso. Os fatores políticos, econômicos e sociais - como industrialização, greves e conquista de direitos, acumulação de capital, crises internacionais - nunca são mencionados, salvo a apologia ao abandono da carteira de trabalho.

Uma palavra sempre presente nas reportagens acerca do tema do empreendedorismo da grande mídia é “reinventar”. Ela sempre aparece num contexto onde o trabalhador perde o emprego, fica sem renda, e na necessidade de sustentar a família arranja algum trabalho informal, sem nenhuma segurança ou garantia para poder reproduzir a si mesmo e a seus dependentes. Ao conceder entrevistas, estes mesmos trabalhadores, imersos na ideologia neoliberal que os bombardeia a todo momento, não percebem que tal situação de precariedade faz parte da regra deste modelo econômico, e assim não percebem que as mazelas sociais possuem um agente diretor. Orgulham-se muitas das vezes por conseguirem se *reinventar* sem dar-se conta da exploração a que estão submetidos, oferecendo sua mão de obra a um preço cada vez mais barato para as empresas capitalistas, que agora oferece seus *contratos* - que evaporam do dia para a noite - através de aplicativos na internet, sem nenhuma responsabilidade trabalhista. O tom otimista está presente em todas as matérias da Rede Globo que tocam este assunto. Em uma delas, o tema gira em torno de o Brasil ser o país onde há mais pessoas com vontade de empreender - como se isso fosse uma simples vontade empresarial, e não consequência do subdesenvolvimento, das crises capitalistas e do desemprego. Ao final do vídeo, o jornalista diz que para iniciar um negócio é preciso “força, fé e muita vontade”,⁴

Atente-se para o império do substantivo *empreendedorismo*, na linguagem midiática unidimensional. É ele quem guia a vida dos homens, que é reduzido às possibilidades de mercado. O substantivo dita toda a sentença, e o universo por ele criado é de fácil compreensão, que resume a ideia de meritocracia. O mundo passa a ter um funcionamento demasiado simplista nesta linguagem: *tenha coragem e acione o empreendedorismo*. Em outras palavras, como disse Dardot e Laval, seja sua própria empresa. Ou, ative sua “veia empreendedora”. O operacionalismo da palavra também é latente. No contexto e forma em que é dita, carrega consigo uma forma de ser, de se portar, responsabilizando os indivíduos por todos os seus sucessos ou fracassos. Dessa forma, o discurso não dá nenhuma margem para um pensamento de oposição, que seja contestador da realidade, reproduzindo-a justamente de maneira fechada, fatalista, sem nenhum senso crítico, e inibidor de qualquer desenvolvimento cognitivo por parte dos ouvintes sobre os temas mencionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2022/07/25/exclusivo-brasil-e-o-pais-que-tem-mais-pessoas-com-vontade-de-empreender-diz-pesquisa.ghtml> (min 4:43).

Mesmo vindo a falecer em 1979, Marcuse já havia descoberto como a revolução tecnológica perverte a razão humana e a instrumentaliza a serviço de um sistema baseado na exploração. A sofisticação da dominação através de seu aparato tecnológico moderno atinge níveis tão altos que parece impossível uma reação social que a conteste, tamanho controle e estabilidade do sistema. A técnica está monopolizada, a linguagem e o pensamento são unidimensionais, sem nenhuma postura crítica negativa, e o modelo econômico e social tem assim assegurada sua reprodução, e com ela a desigualdade e a dominação cada vez maior de uma classe sobre a outra. Dominação tanto ideológica, como já demonstrado, que conforma os indivíduos à ordem social através de uma ausência de alternativas que não seja a reprodução do *status quo*, e por meio da satisfação de suas necessidades, com uma produção cada vez maior de mercadorias que atenda às demandas dos homens, sendo estas já previstas e criadas de forma externa à eles.

Com sucessivas crises econômicas do modelo capitalista, o Estado de bem-estar social, que entregava garantias e direitos aos trabalhadores, precisou ser posto de lado para salvaguardar a acumulação de capital. A classe dominante dedica-se então à formulação de uma nova ordem social que economize com os gastos públicos, pese a balança somente para seu lado visando a garantia de sua reprodução. O *neoliberalismo* entra em cena, e reformula por completo o papel do Estado e a subjetividade dos homens através do tempo. Atravessa altos e baixos, mas mantém sempre sua hegemonia intocada graças a uma forma cada vez mais velada e sofisticada de dominação. Daí a importância de Marcuse no combate da ideologia atual.

Deste modo, a reprodução ideológica e o fechamento do universo da locução na atualidade se dá em prol do neoliberalismo, que é forma predominante da reprodução do existente. A mentalidade de gramofone que apenas repete as ideias existentes, é o veículo portador da ideologia, seja por parte dos dominadores, seja por parte dos dominados. A grande mídia, por sua vez, em seu clássico papel de manipulação das massas e fabricação do consenso, reproduz a dominação através do incentivo e reforço de uma nova subjetividade empreendedora, usando toda uma linguagem que reduz a relação dos homens entre si e com as coisas em meros detalhes empresariais, individuais e dependentes da criatividade e força de vontade.

Portanto, diante do fechamento do universo do discurso e das metamorfoses superficiais capitalistas que resguardam sua essência, é imprescindível o pensamento crítico acerca do neoliberalismo, da instrumentalização da técnica e da chamada liberdade de imprensa, capturada pelos grandes monopólios de comunicação que servem de sustentáculo a este sistema. O pensamento dialético de oposição deve ser a arma dos contestadores em luta pela real liberdade, disseminando-a às massas através da agitação política e propaganda que batalhe abertamente contra a gradativa precarização da classe trabalhadora em sua vida material cotidiana, submetida a empregos informais sem nenhuma garantia trabalhista e sob um alto grau de exploração. A cruzada contra este modelo requer a recuperação da subjetividade humana enquanto consciência de classe, para que os sujeitos tomem conhecimento de *si para si* e para o entendimento de sua condição de ser social e político em vias da construção de um novo mundo, sob pleno exercício da vontade e liberto das manipulações midiáticas, psicológicas e instintivas que reificam e pervertem as relações entre os homens e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CAMPOS, Maria Tereza Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.

CHOMSKY, Noam. *Mídia : propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: <<http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Chomsky.%20Noam/Midia%20propaganda%20politica%20e%20manipulacao%20-%20CHOMSKY.%20Noam.pdf>> Acesso em 30 de Julho de 2022.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *A Nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Dardot.%20Pierre/A%20nova%20razao%20do%20mundo%20-%20Dardot,%20Pierre.pdf>>. Acesso em 18 de Julho de 2022.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997. Disponível em: <<http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/07/Terry-Eagleton-Ideologia.pdf>>. Acesso em 25 de Julho de 2022.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público*. São Paulo: Futura, 2003.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos* [livro eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras.

PEIXOTO, Luiz Antonio da Silva. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v. 11. n. 1, p. 156- 180, 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.